

conventual (e o facto é registado em “Liber novus” da “Universitas Theologorum”), e 1806, quando a Faculdade e o Colegio foram suprimidos por Napoleão. – Antonino Poppi utiliza em primeiro lugar as “Actas”, onde vão surgindo todos os problemas do Colégio dos Teólogos. É ali que se nomeiam os professores, incluindo os franciscanos, se apontam litígios e contestações. Notamos que as duas cátedras de Teologia Tomista e de Teologia Escotista reduzem-se a uma só em 1771. Poppi transcreve ainda estatutos e decretos, de modo a mostrar a evolução Colégio Teológico da Universidade de Pádua. A transcrição dos documentos (em latim) é quase diplomática, de modo a leitor sentir o sabor do texto original. – Os Franciscanos Conventuais mantinham nesse Colégio uma média de sete, oito professores. – Valoriza o volume a seleccionada bibliografia de rodapé, onde aparecem os clássicos da historiografia franciscana conventual, tais como Sbaraglia, Benoffi, Sparccio e Di Fonzo, o elenco dos Conventuais que serviram o Colégio de 1510 a 1782 como Decanos, Síndicos e Conselheiros, e um índice dos nomes próprios — *H. Pinto Rema*.

ANDREA TILATTI, *Odorico da Pordenone – Vita e Miracula*, Centro Studi Antoniani, Padova, 2004, vol. de 240x170 e 192 pp.

Após uma dúzia de anos passados em arquivos e bibliotecas a investigar a vida e os milagres do Beato Odorico de Pordenone, Andrea Tilatti oferece-nos um estudo verdadeiramente crítico deste missionário franciscano do século XIII-XIV. Todos os

clássicos historiadores da Ordem Seráfica, incluindo o nosso Fr. Marcos de Lisboa, não deixaram de referir mais este “santo”, embora se fixem sobretudo na vida maravilhosa que levou e nos milagres realizados em vida e depois da morte, ignorando, porém, muito as suas origens, De facto, nem sequer ficamos a saber ao certo quando nasceu, se por volta de 1265, hipótese avançada por Golubovic em 1917, se em 1285/1286, como geralmente se aventa. A grande aura que o acompanha, para além da fama de taumaturgo, são os 33 anos passados na China e cujos feitos vêm no *Itinerarium* que nesta biografia não é analisado. – Regressado à Itália em 1329, tentou deslocar-se a Avinhão para falar com o Papa acerca da missão da China, mas adoeceu em Pisa e foi morrer em Udine a 14 de Janeiro de 1331. – Oderico de Pordenone, conforme lemos nas Crónicas, era de estatura média, de rosto pálido, de barba longa bifurcada, de palavra mansa e de gesto humílmo (p. 28). – Não foi canonizado pela Igreja universal, mas teve culto no Patriarcado de Aquileia, promovido pelo clero secular, autoridades civis e sobretudo pelos Religiosos franciscanos. No túmulo magnífico que lhe construíram em Udine (reproduzido neste livro em sete fotos obtidas de diversos ângulos) ressaltam os elogios à sua santidade, concretizada por múltiplos milagres, um facto que se realçava na época. – Esta curta biografia crítica, complementada pelo elenco de 72 milagres, transcritos do original latino, e as indispensáveis paráfrases em apêndices documentais, termina por larga bibliografia, índice dos nomes e índice geral — *H. Pinto Rema*.

ARNALDI DE VILLANOVA *Opera Theologica Omnia, III – Introductio in librum [Ioachim] De semine scripturarum – Allocutio super significatione Tetragrammaton*, curante Josep Perarnau, Institut d'Estudis Catalans, Facultat de Teologia de Catalunya, Scuola Superiore di Studi Medievali e Franciscani [Roma], Barcelona 2004, vol. de 240x170 mm e 214 pp.

Inserido na série A do “Corpus Scriptorum Cataloniae”, este terceiro volume das “Obras Completas” de Arnaldo de Vila Nova, programadas para 13 volumes, contém a edição crítica de dois opúsculos latinos do catalão Arnaldo de Vila Nova, autor prestigiado do século XIII-XIV. Perarnau, utilizando a língua catalã, em 81 pp., prepara a leitura frutuosa dos dois textos, recheados de notas de rodapé. Está muito em causa o controverso Fr. Joaquim de Flora, provável autor do *De semine scripturarum*, e a teologia que nestas pequenas obras se apresenta. Como se trata de livro de referência e de estudo, não lhe faltam os complementos necessários para o efeito: índices alfabéticos das palavras da *Introductio* e da *Allocutio*, índices das citações bíblicas (segundo a Vulgata latina), dos antropónimos e das referências a textos manuscritos, para além do índice geral — *H. Pinto Rema*.

**GIOVANNI M. LUISETTO**, *Francesco d'Assisi. Natura e Grazia*, Centro Studi Antoniani, Padova, 2005, vol. de 240x179 mm e 274 pp.

O franciscano conventual P. Luisetto morreu no dia 21 de Junho de 2001, quando aprontava o texto que o Centro de Estudos Antonianos de Pádua publicou em Março de 2005. O

Ministro Provincial, Fr. Luciano Fanin, redigiu em duas páginas a apresentação do “testamento espiritual” de Fr. Giovanni M. Luisetto, síntese do seu pensar humano, espiritual e Franciscano, “precioso tesouro” de não fácil leitura, por causa da “densidade do pensamento” que ali desenvolve. — Esta obra póstuma de Luisetto está dividida em três partes: o Homem, o Asceta e o Místico. Conhecedor profundo da vida e obra de São Francisco de Assis, o Autor tenta interpretar-lhe os ditos e as acções, como já outros o tentaram fazer noutros tempos e noutras latitudes. — De facto, ninguém consegue ficar indiferente perante a figura ímpar do Seráfim do Alverne. Ao estudar o *Francisco Homem*, aparece o temperamento original do filho de Pedro Bernardão e D. Pica, com os seus extremismos ou radicalidades, onde a graça divina e a natureza humana obravam poderosamente. — Na segunda parte, *Francisco Asceta*, Luisetto debruça-se sobre as transformações dos dons naturais nas virtudes morais da justiça, da fortaleza, da prudência e da temperança, mediante a renúncia, a humildade, a paciência e a virgindade. — A terceira e última parte, *Francisco Místico*, é a mais longa. Nela se releva o misticismo singular do “Alter Christus” da Idade Média, um contemplativo por excelência, esvaziado de si próprio, professando e vivendo a pobreza evangélica e buscando com todas as consequências a verdade existente em Cristo Senhor. Para ali chegar, viveu a simplicidade (que não se confunde com a superficialidade), a vigilância (que o tornava atento aos valores eternos) e o silêncio (para escutar